

GIPE-CIT canta Padilla*

Armindo Bião *

RESUMO: texto teatral, elaborado no curso do semestre letivo 2008.2, da Universidade Federal da Bahia, como parte do programa da disciplina TEA 507 Tópicos Especiais em Artes Cênicas, Turma 01, **Objetos e corpus de pesquisa em artes do espetáculo/ etnocenologia** e como produto parcial do projeto de pesquisa **Mulheres por um fio: inferno, purgatório e paraíso no Atlântico Negro**, financiado pelo CNPq com bolsa de produtividade em pesquisa para o período de março de 2008 a fevereiro de 2011, para ser lido em público como atividade de extensão correlata, tendo como tema a personagem histórica espanhola Doña María de Padilla, que se transforma em personagem mítica do romanceiro espanhol e dos inquéritos da inquisição ibérica, personagem teatral na Europa e, finalmente, em entidade da umbanda brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: María Padilla; romanceiro; teatro; umbanda.

RÉSUMÉ: texte théâtral, produit au cours du semestre 2008.2, de l'Université Fédérale de Bahia, dans le programme de TEA 507 Thématiques Spéciales en arts du Spectacle, Groupe 01, **Objets et corpus de recherche/ ethnocénologie**, comme produit partiel du projet de recherche **Des femmes sur un fil; enfer, purgatoire et paradis dans l'Atlantique Noir**, soutenu par le CNPq, avec une bourse de productivité pour la période de mars 2008 à février 2011, pour être lu devant le public en tant qu'activité d'extension universitaire, autour du thème du personnage historique espagnol Doña María de Padilla, qui devient personnage mythique du romancero espagnol et de l'inquisition ibérique, personnage théâtral dans l'Europe de l'Ouest et, enfin, entité de l'umbanda brésilienne.

MOTS-CLÉS: María Padilla; romancero; théâtre; umbanda.

ABSTRACT: theatrical text, prepared during the semester 2008.2, at Federal University of Bahia, as part of the program of discipline TEA 507 Special Topics in Performing Arts, Class 01, **objects and research corpus in performing arts / Ethnoscenology**. It is a partial result of a research project **Women by a thread: hell, purgatory and paradise in the Black Atlantic**, financed by a CNPq fellowship research for the period from March 2008 to February 2011. The text, meant to be read in public as an extension activity, is about the spanish historic character Doña María de Padilla, who becomes a mythical character of iberic romanceiro and Inquisition, a theatrical character in Europe and, finally, an entity in Brazilian umbanda.

KEYWORDS: María Padilla; romancero; theatre; umbanda.

Homens

(Pianíssimo) Ay! un galán de esta villa,
(sedutores, apresentando-se às mulheres)

Mulheres

(Forte) Válgame la Virgen Santa! **(reagindo)**

Homens

(Forte com brio) Ay! un galán de esta villa,
(reafirmando-se para as mulheres)

Mulheres

(Mezzo Piano Descrescendo) Válgame la Virgen Santa! **(reagindo)**

Homens

(Crescendo) Ay! un galán de esta villa,
(reafirmando-se para as mulheres)

Mulheres

(Forte Staccatto) Ay! un galán de esta casa
(reagindo)

Homens

(Fortíssimo) Ay! un galán de esta villa,
(reafirmando-se para as mulheres)

Mulheres

(Pianíssimo) Ay! un galán de esta casa.
(reagindo)

* Pesquisador do CNPq, Professor Titular da Escola de Teatro da UFBA, Salvador, Bahia, Brasil

¹ Primeira versão de texto dramaturgico, para ser lido e cantado, cuja primeira apresentação pública ocorreu em 26.11.2008, no Instituto Cervantes, em Salvador, Bahia, no encerramento do Ciclo de Encontros do GIPE-CIT 2008, com roteiro e dramaturgia de Armindo Bião e a colaboração de Carmen Paternostro, Cristiano de Araújo Fontes, Daiseane Andrade, Étoile Santos da Silva, Inês Perez Wilke, João Carlos Chaves da Silva, Manuel Zergarra Guerrero, Maria Lúcia Pereira, Marcelo Benigno Amorim, Marconi de Oliveira Araponga, Osvaldice de Jesus Conceição, Rafael Rolim Farias, Sonia Costa Amorim e Marcelo Jardim (preparação para o canto).

(PAUSA)

Bião

Boa noite minha gente! **(para o público)**

Todos

Castela, França e Bahia! **(para o público)**

Étoile

Vamos contar pra vocês **(para o público)**

Todos

uma história de Maria! **(para o público)**

Inês

Numa aula teatral **(para o público)**

Todos

de etno/ ceno/ logia! **(para o público)**

Guerrero e João

(Piano; melodia 7) Ay! un galán de esta Villa,
(reafirmando-se para as mulheres)

Osvaldice

(Forte; melodia 8) Ay! un galán de esta casa.
(reagindo)

Bião

Nossa Maria nasceu com o nome de Mari Diaz, numa importante família de Castela, provavelmente na região de Palência, talvez até mesmo na localidade de Astudillo, no norte da atual Espanha, em 1332,

Marconi

ou 1333,

Rafael

ou 1334.

João

Com cerca de,

Guerrero

talvez,

Marcelo

20 anos, Mari Diaz passou a ser conhecida como Doña María de Padilla, em maio de 1352,

Marconi

quando ela conheceu o jovem Rei Don Pedro, de Castela, que se encontrava então com apenas 18 anos incompletos.

Homens

(Piano; melodia 7) Ay! un galán de esta Villa,
(reafirmando-se para as mulheres)

Mulheres

(Forte; melodia 8) Ay! un galán de esta casa.
(reagindo)

Bião

Doña María de Padilla foi amante desse Rei D. Pedro durante nove anos, até julho de 1361, quando morreu, com menos de 30 anos, provavelmente,

João

por conta da terrível epidemia de peste que devastou Sevilha, inclusive os alcáceres reais, onde viveram e folgaram Doña María e D. Pedro.



Fotos de A. Bião:
Fachada do Palácio Mudéjar de D. Pedro;



Detalhe interno de decoração;



Perspectiva interna sobre um pátio.



Mulheres

(Primeira melodia) Válgame la Virgen Santa!
(pela alma de Maria)

Marconi

Doña María, conhecida em vida como a preferida do Rei, seria posteriormente reconhecida como Rainha de Castela,

Marcelo

o que aconteceu um ano após sua morte,

João

quando D. Pedro declarou, com as bênçãos da Igreja Católica,

Marconi

haver se casado com ela em segredo, em função de razões de estado.



Foto de A. Bião:

Vista parcial da Catedral de Sevilha, em cuja cripta real repousam os despojos de Doña María de Padilla

Rafael

Nas crônicas históricas do Chanceler Ayala, que a conheceu na corte do Rei D. Pedro, Doña Maria aparece como

João

uma mulher muito discreta,

Ayala (Guerrero, escrevendo)

mujer de buen linaje, e hermosa, e pequeña de cuerpo, e de buen entendimiento.

Homens

(Piano; melodia 7) Ay! un galán de esta Villa,
(reafirmando-se para as mulheres)

Mulheres

(Forte; melodia 8) Ay! un galán de esta casa.
(reagindo e referindo-se a D. Pedro)

Carmen

O Rei D. Pedro foi o único filho legítimo de dois primos irmãos.

Daise

De fato, o Rei Afonso XI, de Castela, pai de D. Pedro, era primo carnal,

Étoile

tanto por parte de mãe quanto por parte de pai,

Lúcia

de sua única e legítima esposa, a princesa de Portugal, imortalizada pelos Lusíadas de Camões, como “a fermosíssima Maria”.

Mulheres

(Piano; melodia 8) Ay! un galán de esta casa.
(reagindo e referindo-se a D. Pedro)

Osvaldice

O Rei D. Pedro viveu em constante conflito com seus 10 irmãos por parte de pai.

Sonia

Filhos do Rei Afonso XI, de Castela, e de sua amante Doña Leonor de Gusmão.

Inês

O Rei D. Pedro ficou conhecido, inicialmente, como O Cruel e, depois, como O Justiceiro.

Carmen

Entre as inúmeras pessoas que ele mandou matar, estavam:

Bião

a amante de seu pai e mãe de seus 10 meio-irmãos, Doña Leonor de Gusmão;

João

e sua primeira esposa legítima, assim publicamente reconhecida, a nobre francesa Blanche de Bourbon,

Guerrero

rejeitada e que teria morrido virgem.

Mulheres

(Piano; melodia 8) Válgame la Virgen Santa!
(reagindo e referindo-se a D. Pedro)

Carmen

A mãe do Rei D. Pedro, a “fermosíssima Maria”, era irmã do Rei D. Pedro I, de Portugal.

Daise

O português Rei D. Pedro I é o mesmo que fizera rainha depois de morta sua amante Inês de Castro.

Marcelo

A Inês “tão linda”, que fora assassinada por ordens do pai de seu amante real e avô do Rei D. Pedro de Castela.

Étoile

O desesperado Rei D. Pedro I, de Portugal, que perdera sua preferida por ordens de seu próprio pai, ficou conhecido como o Cru ou O Cruel e também o Justiceiro.

Lúcia

Assim, talvez, esse infeliz rei português tenha inspirado, ao menos em parte, seu colega, homônimo e sobrinho espanhol, o Rei D. Pedro I, de Castela.

Osvaldice

A preferência do Rei D. Pedro I, de Castela, por Doña María de Padilla,

Marconi

a desgraça da rainha francesa enjeitada Blanche de Bourbon e a guerra fratricida na descendência do Rei Afonso XI,

João

são temas de quase vinte histórias cantadas pelo “romancero viejo español”.

Carmen

... El Cruel Pedro llamado
Caso-se con Doña Blanca

Bião (ruídos noturnos e sussurros)

Esses romances começam a ser difundidos por toda a Espanha e, depois, por Portugal, após o assassinato do Rei D. Pedro, em 1369, por seu único



meio irmão que lhe sobreviveu D. Henrique, de Trastâmara, o primeiro de uma nova dinastia em Castela.

Todos

... El Cruel Pedro llamado
Caso-se con Doña Blanca
Fuese para Montalván
Que alli es barraganado
Con Doña Maria de Padilla
Que lo tiene enhechizado

Inès

Em quase todos esses romances cantados são narradas crueldades do Rei D. Pedro e de sua amante, Doña María de Padilla, sempre apresentada como mulher traiçoeira, adúltera, sedutora, perversa, diabólica, feiticeira.

Guerrero

fue enhechizado esta suerte
La Reina al Rey habia dado
Una cinta mucho rica
De oro muy bien labrado
Con perlas piedras preciosas
Ceñiala el rey Don Pedro
con placer, de muy buen grado
Porque se la Dió la Reina
Que del era muy amado

Inès

Doña María de Padilla
La cinta hubiera en su mano
Dió la en poder de un judio
Que era magico e sábio
Puso el ella tales cosas
Que al Rey mucho han espantado
Culebra le ha semajado

Marcelo

As reviravoltas da história e do destino, assim como os interesses pessoais e familiares, fizeram com que a descendência do rei D. Pedro I e de Doña María de Padilla se unisse com a descendência de

D. Henrique, seu assassino e sucessor, gerando, inclusive, quatro gerações depois,

Marconi

D. Isabel, a rainha católica, uma das responsáveis por D. Pedro de Castela ser conhecido como o Justiceiro.

Sonia

O teatro do século de ouro espanhol,

Carmen

que na verdade vai do Renascimento do Século XVI ao Barroco do Século XVII,

Daise

daria atenção ao Justiceiro D. Pedro e à mulher discreta e de

Guerrero

“buen entendimiento”,

Daise

que seria Doña María, como foi o caso de Lope de Vega e Calderón.

Rafael

O teatro ganha enfim a corte e os romances se recolhem no meio do povo pequeno das províncias, inclusive de Portugal, que de 1580 a 1640, fazia parte da Espanha.

Bião

O teatro e o romanceiro divulgam, assim, dois perfis opostos de Doña María.

Carmen

Guardando o teatro o perfil da heroína, vítima romântica de seu amor por um rei em tempos difíceis.

Étoile

E o romanceiro divulgando a história da mulher terrível, maligna, manipuladora, entendida nos artifícios da beleza, do amor, do sexo e dos feitiços.

Lúcia

É bem provável que daí tenha surgido o que ficaria registrado pela Inquisição.

Osavaldice

De fato, os tribunais da inquisição, espanhóis e portugueses, dos séculos XVII e XVIII, assim registram a invocação de mulheres feiticeiras:

Feiticeira (Étoile)

Por Barrabás, Satanás, Caifás, y María Padilla con toda su cuadrilla ablandasen el corazón del dicho...

Feiticeira (Lúcia)

Por Barrabás, Satanás y por Lúcifer/ por doña Maria de Padilla y toda su compañía,

Narrador (Marconi)

Lembremos que de 1580 a 1640, Portugal e Espanha formaram um só Reinado e que as línguas e os imaginários respectivos se misturaram para a eternidade...

Feiticeira (Marcelo)

Paloma, paloma, todos te chamam paloma, só eu te chamo hermana senhora, pelo poder que em ti mora. Que vás à cama de Pedro, dos lençóis lhe façás espinhos, dos cobertores lagartos vivos, que o espinhes e o atraveses, que não possa dormir nem sossegar, sem que comigo venha estar.

Narrador (João)

Algumas dessas mulheres foram degredadas para o Brasil, outras para a África, desviando-se posteriormente também para o Brasil, possivelmente trazendo em sua bagagem essas invocações, como sugerem as pesquisadoras Laura de Mello e Souza, em 1986, Marlyse Meyer, em 1993 e Monique Augras, em 2001.

Feiticeira (Osvaldice)

Eu te conjuro vinagre, pimenta e enxofre em nome de Pedro, com três da padaria, três da cutilaria, três do açougue, três do terreiro, três do haver do peso, todos três, todos seis, todos nove se ajuntarão no coração de Pedro entrarão, se mais são, ou menos são, 56 diabos se ajuntarão, à torre do

Primão se treparão, nove varas de amor apanharão, na mó de Caifás as aguçarão, no coração de Pedro as cravarão, que não possa estar, nem sossegar, até comigo não vir estar; Dona Maria de Padilha com toda a quadrilha me trazeis Pedro pelos ares e pelos ventos; Marta a perdida que por amor de um homem fostes ao inferno, assim vos peço que do vosso amor repartais com Pedro, que não possa dormir, nem sossegar, até comigo vir estar.

Feiticeira (Bião)

Por aquela rua nem Pedro com o ligado do enforcado ao pescoço, vem dizendo acode-me Maria, não te quero acudir, valha-te Barrabás, valha-te Satanás, e Natam, e quantos no inferno estão, e então no teu coração se meterão, chego-me ao ar, ao ar me chego, Pedro veio vir, dizendo Maria vale-me, valha-te Barrabás, valha-te Satanás, valha-te verdete, ó meu Deus e que é meu Príncipe, que andas pelas encruzilhadas descasando os casados, e ajuntando os amancebados, ajunta-me com Pedro, Dona Maria de Padilha com toda a quadrilha me trazeis Pedro pelos ares e pelos ventos, Marta a perdida que por amor de um homem fostes ao inferno, por ele ao inferno fostes, assim se perca Pedro por mim.

Feiticeira (Sonia)

Por São Pedro e por São Paulo, por Jesus crucificado, por Barrabás, Satanás, Caifás, e por quantos eles são, por Dona Maria de Padilha e toda sua quadrilha, me digas, peneira, se as ditas duas pessoas estão presas

Narrador (Daise)

E dizia que dizia isto, para não ser morta pelo marido, fazendo fervedouro com pedaços de pano, coração de pombo, alecrim...

Feiticeira (Rafael)

Satanás, Barrabás, Caifás, Diabo coxo, sua mulher... Com Barrabás, Satanás, com Lúcifer e sua mulher... O céu vejo, estrelas acho, Senhora Santana ai que farei que ainda hoje não vi a Pedro e Maria...



Senhora Santana, assim como o mar mareja, o céu estreleja e o vento ventaneja, e os peixes não podem entrar no mar sem água, nem o corpo sem alma, assim Pedro e Maria não possam estar sem o perdão virem a dar

Narrador (Bião)

E metia a boca na tigela, batia no chão com três varas de marmeleiro.

Feiticeira (Carmen)

Barrabás, Satanás, Caifás, Maria Padilha com toda a sua quadrilha, Maria da Calha com toda a sua canalha, cavalo marinho que com pressa os traga pelo caminho.

Narrador (João)

Jogava num fervedouro pedra d'ara, buço de lobo, alfazema, sangue de leão, barbasco... para prender o amante cortava um queijo de cabra em três porções e, colocando-os à janela entre nove e dez da noite, dizia:

Feiticeira (Bião)

Este queijinho queremos partir a primeira talhada para Barrabás, a segunda para Satanás, a terceira para Caifás, que todos três se queiram ajuntar presto, e asinha e isto que pedimos nos queiram outorgar, que Pedro nos vá a buscar e que pela porta venha entrar, e sem nós não possa estar, e tudo quanto Maria lhe pedir queira fazer, e outorgar.

Narrador (Inès)

O que lembra a Marlyse Meyer as orações da cabra preta afamada.

Narrador (Guerrero)

E assim invocava a feiticeira Antonia Maria, que talvez se parecesse com Doña María de Padilla, pois era mulher graciosa, de pequena estatura, alva de rosto, e este largo, olhos pretos, e fermosos, em sua casa em Pernambuco

Feiticeira (Carmem)

Neste portal me venho assentar, e não vejo Pedro nem tenho quem o vá buscar, vá Barrabás, vá

Satanás, vá Lucifer, vá sua mulher, vá Maria Padilha com toda sua quadrilha, e todos se queiram juntar e em casa de Pedro entrar, e o não deixem comer, dormir nem repousar sem que pela minha porta adentro venha entrar, e tudo quanto eu lhe pedir me queira fazer, e outorgar, e se isto me fizerem uma mesa prometo de lhe dar.

Narrador (Bião)

Esta tradição feiticeira aparece na famosíssima novela de Prosper Mérimée, de 1845, Carmen, como percebeu bem Roberto Motta, em 1980. Nas palavras de Don José:

Don José (Étoile)

Pendant mon absence, elle avait défait l'ourlet de sa robe pour en retirer le plomb. Maintenant, elle était devant une table, regardant dans une terrine pleine d'eau le plomb qu'elle avait fait fondre, et qu'elle venait d'y jeter. Elle était si occupé de sa magie qu'elle ne s'aperçut pas d'abord de mon retour. Tantôt elle prenait un morceau de plomb et le tournait de tous les côtés d'un air triste, tantôt elle chantait quelqu'une de ces chansons magiques où elles invoquent Marie Padilla, la maîtresse de Don Pedro...

Don José (João)

Durante minha ausência, ela tinha desfeito a barra de seu vestido para dali retirar o chumbo. Agora, ela estava diante de uma mesa, olhando dentro de uma vasilha cheia d'água o chumbo que ela havia derretido e que ali tinha jogado. Ela estava tão ocupada com sua magia que de início não percebeu meu retorno. Tanto ela pegava um pedaço do chumbo e o girava de todos os lados com um ar triste, tanto ela cantava uma dessas canções mágicas onde elas invocam Maria Padilha, a amante de Don Pedro...

Narrador (Marconi)

Outro testemunho da presença, de algum modo, de Maria Padilha, no romantismo francês, é o poema de Victor Hugo, de 1828,

Étoile

La légende de la nonne,

Marconi

que seria parcialmente adaptado para a música popular,

Étoile

Por Georges Brassens.

Todos

Venez, vous dont l'œil étincelle
Pour entendre une histoire encor
Approchez: je vous dirai celle
De doña Padilla del Flor
Elle était d'Alanje, où s'entassent
Les collines et les halliers
Enfants, voici des bœufs qui passent
Cachez vos rouges tabliers

Bião

Il est des filles à Grenade

Étoile

Il en est à Séville aussi

Bião

Qui, pour la moindre sérénade
A l'amour demandent merci

Étoile

Il en est que parfois embrassent
Le soir, de hardis cavaliers

Todos

Enfants, voici des bœufs qui passent
Cachez vos rouges tabliers

Étoile

Ce n'est pas sur ce ton frivole
Qu'il faut parler de Padilla

Bião

Car jamais prunelle espagnole
D'un feu plus chaste ne brilla

Étoile

Elle fuyait ceux qui pourchassent
Les filles sous les peupliers

Todos

Enfants, voici des bœufs qui passent
Cachez vos rouges tabliers

Bião

Elle prit le voile à Tolède
Au grand soupir des gens du lieu
Comme si, quand on n'est pas laide
On avait droit d'épouser Dieu

Étoile

Peu s'en fallut que ne pleurassent
Les soudards et les écoliers

Todos

Enfants, voici des bœufs qui passent
Cachez vos rouges tabliers

Étoile

Or, la belle à peine cloîtrée
Amour en son cœur s'installa
Un fier brigand de la contrée
Vint alors et dit:

Bião

"Me voilà!"

Étoile

Quelquefois les brigands surpassent
En audace les chevaliers

Todos

Enfants, voici des bœufs qui passent
Cachez vos rouges tabliers

Étoile

Il était laid: les traits austères
La main plus rude que le gant

Bião

Mais l'amour a bien des mystères



Étoile

Et la nonne aime le brigand

Bião

On voit des biches qui remplacent
Leurs beaux cerfs par des sangliers

Todos

Enfants, voici des bœufs qui passent
Cachez vos rouges tabliers

Étoile

La nonne osa, dit la chronique
Au brigand par l'enfer conduit

Bião

Aux pieds de Sainte Véronique
Donner un rendez-vous la nuit

Étoile

A l'heure où les corbeaux croassent
Volant dans l'ombre par milliers

Todos

Enfants, voici des bœufs qui passent
Cachez vos rouges tabliers

Bião

Or quand, dans la nef descendue
La nonne appela le bandit
Au lieu de la voix attendue
C'est la foudre qui répondit

Étoile

Dieu voulu que ses coups frappassent
Les amants par Satan liés

Todos

Enfants, voici des bœufs qui passent
Cachez vos rouges tabliers

Todos

Cette histoire de la novice
Saint Ildefonse, abbé, voulut
Qu'afin de préserver du vice
Les vierges qui font leur salut

Les prieurs la racontassent

Dans tous les couvents réguliers

Enfants, voici des bœufs qui passent

Cachez vos rouges tabliers

João

Aí se conta a história de uma jovem e bela freira espanhola, que cai em tentação amorosa, atraída por um militar, merecendo de Deus, juntamente com ele, a condenação eterna ao inferno e a ter seu infeliz destino lembrado de convento em convento, como alerta às demais jovens e virgens freiras.

Bião

A relação da protagonista dessa canção com a personagem histórica de Doña Maria de Padilla é muito tênue.

Marcelo

Mas vale a pena lembrar que ela fundou o Convento das Clarissas em Astudillo, onde viveu por algum tempo e onde viveria e morreria freira uma de suas filhas.

Guerrero

O conjunto arquitetônico onde viveram Doña Maria e o Rei Don Pedro, em Astudillo, no século XIV, atualmente restaurado, reúne;

Carmen

um museu, no que se chama o Palácio de Don Pedro

Daise

e o convento com uma capela, onde suas imagens aparecem num retábulo como mártires do cristianismo e o claustro.



Fotos de A. Bião:
Vista parcial interna do Convento de Astudillo;



Retábulo da Capela do Convento

Marconi

A cidade de Astudillo é também conhecida por seus mais de dois quilômetros de subterrâneos e suas dezenas de bodegas, incrustadas nas pedras, onde se produziu vinho por muitos séculos.

Rafael

Numa de suas entradas se lê inferno,

Inès

Inferno,

Guerrero

Inferno.

Lúcia

Ainda na tradição romântica, entre a Itália, a Espanha e o Brasil, lembremos que Gaetano Donizetti criou uma ópera intitulada Maria Padilla.

Osvaldice

Esta ópera teve estréia em Milão em 1841, publicação em edição bilíngüe e temporada em Lisboa em 1845.

Sonia

No Rio de Janeiro, em 1856, a ópera Maria Padilla foi apresentada em espetáculo de gala no Teatro Lírico Fluminense e também mereceu uma edição brasileira, no Rio de Janeiro.

Inès

Aí, voltamos à Doña María discreta e amorosa vítima do amor constante, todo o oposto de uma feiticeira, conforme ficaria personificada pela tradição espanhola, que produziu, entre outras, a peça Doña María de Padilla, de Francisco Villaespesa, de 1913.

Bião

E que mereceria duas biografias exemplares:

Inès

A da poeta Casilda Ordoñez Ferrer, intitulada María de Padilla, esa dulce y equilibrada castellana.

Guerrero

E a de Don Carlos Ros Carballar Doña María de Padilla, El Angel Bueno de Pedro El cruel.

Carmen

Antes de chegarmos ao Brasil, a terra da umbanda, onde reina a pombagira Maria Padilha,

Marcelo

a linda, a gostosa, a feiticeira, a poderosa,

Marconi

A que adora rosas vermelhas, cigarrilhas e champagne,



Rafael

passemos rapidamente pelo teatro baiano, inspirado pela ópera de Georges Bizet e a novela de Prosper Mérimée Carmen.

Carmen

Vamos a cantar um trechinho da Habanera, cantada originalmente por Carmen, em sua primeira aparição na ópera, para celebrar o amor como um pássaro rebelde, que ninguém consegue domar, de acordo com o libreto de Henri Meilhac e Ludovic Halévy.

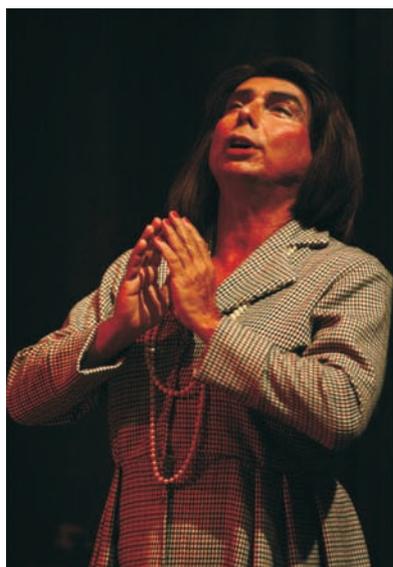
Bião

Em O Pique dos Índios ou A Espingarda de Caramuru, montagem de A Outra Companhia de Teatro, sobre um texto de Haidyl Linhares, no Teatro Vila Velha, em Salvador, Bahia, durante

quatro semanas do mês de março de 2008, assim cantava a Professora de Música e Poeta Dona Ambrosina Embevecida do Arcanjo e do Amor Perfeito, que permanecia virgem, embora já madura, por haver perdido seu noivo, ainda jovem, num desastre de trem:

Osvaldice

Oh senhora Maria Padilha
Minha alma venha alegrar
Traga paz aqui para sua filha
Que só canta para não chorar
Amor
Amor
Amor
Amor
O amor é mais
Mais que um poema



Fotos: João Meirelles

(em todas as fotos: Prêmio Braskem dos Melhores do Teatro Baiano de 2008, na categoria Ator Coadjuvante, por esse trabalho, Armindo Bião, cuja personagem invoca Maria Padilha; em uma foto com Amós Heber e em outra com Haydil Linhares)

Espetáculo: O Pique dos Índios ou A Espingarda de Caramuru, de A Outra Companhia de teatro, grupo residente do Teatro Vila Velha; **Temporada:** 16 apresentações ao longo de quatro semanas, de quinta-feira a domingo, às 20h, durante o mês de março de 2008, no Teatro Vila Velha, em Salvador, Bahia, Brasil, para público estimado de 1.500 espectadores; **Texto:** Haydil Linhares; **Direção:** Vinício de Oliveira Oliveira; **Cenário:** Lorena Torres Peixoto; **Figurino e maquiagem:** Luiz Santana; **Iluminação:** Rivaldo Rio; **Coreografia:** Jairson Bispo; **Direção musical:** João Meirelles; **Preparação e arranjo vocal:** Marcelo Jardim; **Produção:** Eddy Veríssimo; Indaiá Oliveira; Luiz Antônio Jr.; **Realização:** A Outra Companhia de Teatro; Baobá Produções Artísticas; Teatro Vila Velha; Funarte/ MinC; **Patrocínio:** Petrobrás; **Elenco:** AC Costa; Amós Heber; Armindo Bião; Ava Soani; Camilo Fróes; Chica Carelli; Érica Ribeiro; Haydil Linhares; Indaiá Oliveira; Jéferson Dantas; Luiz Antônio Jr.; Manuela Santiago; Rita Carelli; Roquildes Júnior; Thais Rissi.

Daise

A Maria Padilha, conhecida no Brasil e nos países vizinhos da América do Sul, é a rainha das encruzilhadas, das pombagiras e dos exus.



Fotos de A. Bião:

Esquinas de ruas espanholas com seu nome: em Astudillo e Sevilha: encruzilhadas; o nome da rua em Sevilha fica no muro da antiga fábrica de tabacos (onde teria trabalhado a Carmen da novela e da ópera), hoje Universidade de Sevilha

João

Parenta próxima do grego Hermes Trimegisto, o três vezes grande, o que ajuda os homens a compreenderem o que lêem

Étoile

E do romano Mercúrio, o dos pés e do capacete alados, que rege o comércio e as artes.

Guerrero

Assim, meio deus, deusa, diabo e criança, rainha, prostituta e travesti, nossa Maria Padilha é

Lúcia

a encantada pombagira, exu fêmea, como sua outra variante,

Marcelo

a Nega de Um Peito Só, que aparece em diversos folhetos de cordel brasileiros, um dos quais, de José Costa Leite, **O encontro de Lampião com a Negra Dum Peito Só**, adaptado para o teatro, em 2001, para o espetáculo **Isto é bom!**,

Marconi

realizado com alunos do Bacharelado em Artes Cênicas, com Habilitação em Interpretação Teatral, da Escola de Teatro da UFBA.

Étoile

Aí voltamos à tradição do romanceiro ibérico

Lúcia

que usa a rima e o metro da poesia de fácil memorização,

Rafael

a musicalidade, enfim, para contar histórias,

Osvaldice

para narrar e representar

Bião

Viabilizando, enfim, a experiência do teatro épico narrativo e crítico, ao lado do teatro dramático, da identificação e da reflexão dos atores sobre si próprios como pessoas,

Inês

em relação a questões, como, por exemplo, do machismo e do racismo.

Carmen

Maria Padilha e a Nega de Um peito Só são a mesma encarnação do feminino, sexualizado, como a tentação diabólica,

Rafael

são a personificação da natureza sensual e sensível, do prazer, do gozo.

• **Bião**

Vamos ouvir a história da velha Rita *Gogó* afamada e respeitada na arte de catimbó dando toda explicação e a Luta de Lampião com a Negra dum Peito Só.

• **Carmen**

Sabemos que Lampião na fama de cangaceiro o seu nome amedrontou o Nordeste Brasileiro com repercussão tamanha a sua grande façanha assombrando o mundo inteiro. No ano de 32 o bandido Lampião andava pelo Nordeste de bacamarte na mão dizendo:

• **João**

ninguém me zangue

• **Daise**

gravando o nome com sangue na história do sertão.

• **Étoile**

A velha Rita Gogó residia no sertão era bamba no feitiço e o povo da região sem ter compaixão nem dó mandava fazer catimbó para matar Lampião

• **Guerrero.**

E a velha começou fazendo uma panelada pra botar pra Lampião ali, numa encruzilhada numa noite sem ter lua e a panelada sua foi ficando preparada.

• **Lúcia**

Dentro da panela dela tinha um rabo de tatu uma unha de macaco um bico de urubu uma pena dum vira-bosta uma pimenta da costa e um casco de aratu.

• **Marcelo**

Alecrim de taboleiro duas gias num cordão duas penas de macuca duas pedras de carvão duas unhas de veado dois chifres de amancebado e dois cavalos do cão.

• **Osvaldice**

Três canelas de defunto 3 pés de capim assu 3 galhos de pinhão roxo 3 escamas de mussu 3 galhos de mussambê 3 bicos de zabelê e 3 penas de jacu.



- **Marconi**

Quatro rabos de arraias
4 pés de siriema
4 maracais de cobra
4 folhas de jurema
4 caveiras de gente
4 dentes de serpente
e 4 penas de ema.

- **Sonia**

Cinco bicos de socó
5 costelas e um papo
5 folhas de maconha
5 cabelos de sapo
5 grilos encangados
5 vidros preparados
do suco do genipapo.

- **Rafael**

A oração do sapo-seco
ela rezou com cautela
benzeu com a mão esquerda
e depois botou na panela
o suco de um pepino
a raspa do som do sino
e o leite da favela.

- **Inès**

Rezou mais a oração
da cabra preta falada
e a de São Cipriano
e foi com a panelada
muito contente e faceira
numa noite de sexta-feira
botar numa encruzilhada.

- **Bião**

A meia noite em ponto
ela levou a panela
botou na encruzilhada
e acendeu uma vela
benzeu sua panelada
e ficou ali abaixada
rezando as orações dela.

Lampião ia passando
e viu a velha abaixada
fez logo o pelo sinal
e deu uma gargalhada
então perguntou de cá
dizendo:

- **João**

Quem está lá?

- **Carmen**

e a negra ficou calada.

- **João**

Se não falar eu atiro!

- **Carmen**

Lampião disse em seguida:
a velha pensou consigo

- **Daise**

já vi que estou perdida

- **Guerrero**

e logo com medo dele
pensou.

- **Daise**

Eu vou botar ele
num beco sem ter saída.

- **Marcelo**

A velha se levantou
com a panela na mão
e foi se aproximando
rezando uma oração
e com toda astúcia dela
quiz rebentar a panela
na cara de Lampião.

- **Marconi**

Lampião chegou pra perto
e deu-lhe um murro danado
que a velha caiu no chão

e ele já preparado
com o maior ódio dela
meteu o pé na panela
foi caco pra todo lado.

- **Étoile**

A velha se levantou
e passou-lhe uma rasteira
que Lampião quase cai
mas puxou logo a peixeira
e disse:

- **João**

Ninguém te aconselha

- **Rafael**

cortou logo uma orelha
da velha catimboseira.

- **Lúcia**

Com a orelha cortada
a velha Rita Gogó
saiu em toda carreira
gritando de fazer dó
vermelha igual uma brasa
e quando chegou em casa
remexeu no catimbó.

- **Bião**

Preparou a buginganga
com água do oceano
e terra do cemitério
pimenta, arruda e tutano
mexeu durante 3 meses
ferveu a água 10 vezes
e depois coou num pano

- **Carmen**

Ela deu 3 fumaçadas
no cachimbo Sabe-Tudo
e ajoelhou-se chamando
o seu guia

- **Daise**

Zé Bochudo!

- **Carmen**

entiado de Canguinha
o cachimbo dela tinha
5 palmos de canudo.

- **Étoile**

E com 2 meses depois
o feitiço estava feito
examinou com cuidado
e viu que estava perfeito
ficou contente na hora
dizia a velha:

- **Daise**

Eu agora
desgraço aquele sujeito.

- **Guerrero**

Lampião pegou sentir
uma dor no mocotó
e cada dia que passava
ia ficando pió
Lampião desmantelou-se
e uma noite encontrou se
com a Negra dum Peito Só.

- **Lúcia**

Era uma negra feia
banguela, só tinha um dente
do cabelo arrepiado
parecia uma serpente
imitava ao Capeta

- **Bião**

Eta racismo porreta!*

- **Lúcia**

alem de feia e cambeta
tinha um peito somente.

* Este verso, em negrito e em itálico, assim como mais dois, também em negrito e itálico, mais à frente, referentes à esma questão do racismo, foi acrescentado ao texto original do folheto, por inspiração de Bertolt Brecht, Oscarito e Hugo Pozzolo, no intuito de fortalecer o caráter épico crítico da encenação, do jogo e do trabalho dos atores.



- **Marcelo**

Era um peito bem grande
igual a um mamão caiana
com 5 quilos ou mais
o Lampião não se engana
disse:

- **João**

Esta negra é o diabo
eu vou arrancar-lhe o rabo
pra fazer ponche com cana.

- **Guerrero**

la atravessando um rio
a uma distância pouca
viu a negra e ela disse:

- **Bião**

Por você eu vivo louca
já que a hora é chegada
lave a boca bem lavada
e venha beijar minha boca

- **Osvaldice**

Lampião disse:

- **João**

Te dana!
negra feia desgraçada
não gosto de negra moça
quanto mais velha e pelada

- **Bião**

ê coisa racista danada

- **João**

é bom que não te esqueça
de ti só quero a cabeça
pra eu fazer garrafada.

- **Carmen**

Ela balançava o peito
pro lado de Lampião dizendo:

- **Bião**

Quer ou não quer?
deixas de cavilação
eu vim pra você mamar
você deve aproveitar
esta boa ocasião.

- **Sonia**

Lampião lhe disse assim:

- **João**

Me respeite negra safada
eu não sou de sua iguala
eu dou-lhe é uma braçada
veja que sou Lampião
cangaceiro do sertão
sujeito da vida errada.

- **Inês**

Lampião dizendo assim:
a negra disse:

- **Bião**

Sujeito:
Não me troco por você
me trata com mais respeito
segure o chapéu na mão
peça desculpa e perdão
e venha mamar no meu peito

- **Osvaldice**

Lampião deu-lhe uma tapa
que a negra caiu lá fora
mas se levantou e disse

- **Bião**

Hoje chegou sua hora
nunca apanhei de ninguém
sou pió do que o trem
você me paga é agora.
Fique sabendo qu'eu sou
urna negra de respeito
você desmoralizou-me
vai sofrer de qualquer jeito
com sua imbecilidade

por gosto ou contra a vontade
tem de mamar no meu peito.

- **Carmen**

Botou o peito pra fora
que parecia uma jaca
Lampião se afastou
e pegou no cabo da faca
dizendo:

- **João**

Daí pra traz

- **Carmen**

a negra disse:

- **Bião**

Rapaz você está feito vaca?

- **Daise**

Lampião disse:

- **João**

Moleca
eu peso igualmente o trem

- **Guerrero**

disse a negra a Lampião

- **Bião**

Pois é como cá também
porque com macho safado
eu sempre tenho tirado
as manhas que ele tem.
E você vai mamar apulso
veja que sou eu que quero
e é pra vir mamar mesmo
faz dias que lhe espero
você diz que tem coragem
se não mamar com vantagem
em nada lhe considero.
Há dias que venho atraz
do famoso Lampião
Pernambucano valente

o assombro do sertão
pió do que satanaz
pra eu tirar seu cartaz
e a fama de valentão.

- **Étoile**

Lampião lhe disse assim:

- **João**

Negra imunda desgraçada
deixe de tanto cinismo
cachorra velha pelada
eu te matando, bandida
é uma bala perdida
porque tu não vales nada.

- **Marcelo**

Disse a Negra:

- **Bião**

Não se faça
de valente nem manhoso
você tem nojo de mim
mas o meu peito é cheiroso
deixe de beocidade
pode mamar a vontade
meu leite é doce e gostoso.

- **Marconi**

Lampião se aproximou
de bacamarte na mão
a negra deu-lhe um bofete
que ele caiu no chão
e quando ele tombou
a negra se escanchou
nas costas de Lampião.
Dizendo:

- **Bião**

Eu vim vencê-lo
por força de catimbó
e fazer toda vingança
da velha Rita Gogó
hoje chegou sua hora
você vai mamar agora
na Negra dum Peito Só.



- **Rafael**

Lampião ficou tremendo
devido a conversa dela
nunca ninguém lhe fizera
uma proposta daquela
inda sendo um valentão
e logo ali Lampião
começou fitando ela.
Disse a negra:

- **Bião**

É isso mesmo
diga se mama ou não mama
se não quiser, mama apulso
porque esse é meu programa
dizem que você é mau
hoje, debaixo do pau
você mama e não reclama.

- **Carmen**

Ela começou a fumar
no cachimbo Sabe-Tudo
era um cachimbo que tinha
5 palmos de canudo
ali foi se ajoelhando
na mesma hora chamando
o seu guia

- **Bião**

Zé Bochudo!

- **Daise**

A negra botou o peito
na boca de Lampião
Lampião deu-lhe um murro
com toda força da mão
ela deu um grito rouco
e quando afracou um pouco
ele tomou posição.

- **Rafael**

Lampião se escanchou
na negra na mesma hora
dizendo:

- **João**

Negra danada
você me paga é agora
de você pode vir dez

- **Étoile**

a negra meteu-lhe os pés
que ele caiu lá fora.

- **Osvaldice**

Foi serrado o tiroteio
bala vinha e bala ia
o fumaceiro cobriu
ninguém ali se rendia
Lampião metia bala
negro caía sem fala
e nem a pestana batia

- **Lúcia**

Chegou o diabo Cambeta
e trouxe a negra Carijó
e o diabo Três Contigo
irmão de Forrobodó
o negro gritou de lá

- **Marcelo**

Lampião vai mamar já
na Negra dum Peito Só.

- **Marconi**

A negra Carijó tirou
um cabelo do corpo dela
não sei se foi da pestana
do umbigo ou da “titela”
e avançou pra Lampião
com o cabelo na mão
mas Lampião chutou ela.

- **Sonia**

A negra tirou a saia
e fez um sassaricado
quando puxou o facão
Lampião pulou de lado
dizendo:

- **João**

Negra safada
eu sou bamba na brigada
e o meu braço é pesado.

- **Guerrero**

Veio a negra Maricota
da bunda de tanajura
com uma mão de pilão
e um facão na cintura
era uma negra até boa.

- **Bião**

O racismo aqui voa!

- **Guerrero**

vinha igualmente uma leoa
quando sai da furna escura.

- **Inês**

Cambeta partiu danado
Lampião deu-lhe um soco
que ele subiu 10 metros
e caiu sentado num toco
se acabou em seguida
pois quando cuidou na vida
a metade estava oco.

- **Marconi**

Diabo Cueca Suja
chegou trazendo um chicote
dizendo assim:

- **Rafael**

Lampião
você hoje errou o bote

- **Carmen**

Lampião estava louco
deu-lhe um monstruoso soco,
que ele saiu de trote.

- **Daise**

Cara Preta e Rabo Fino
armados de mosquetão

de vez em quando atirava
na cara de Lampião.
Lampião já enfadado
lutava muito cansado
da grande revolução.

- **Carmen**

Lampião viu um moleque
por traz dum muro atirando
Lampião atirou nele
que ele caiu berrando
ficou ciscando e tremendo
chorando e se maldizendo
sorrindo e assobiando

- **Étoile**

A Negra dum Peito Só
chegou como um furacão
querendo botar o peito
na boca de Lampião
pra fazer ele mamar
ele quiz lhe segurar
ela deu-lhe um empurrão.

- **Guerrero**

Já tinha morrido diabo
de causar tristeza e dó
outros fizeram carreira
que subiu nuvem de pó
no meio da confusão
ficou somente Lampião
com a Negra dum Peito Só.

- **Lúcia**

Lampião agarrou a negra
com toda disposição
quando puxou o punhal
a negra entrou em ação
disse:

- **Bião**

Vou borrar seu mapa



- **Marcelo**

na cara deu-lhe uma tapa
e tomou-lhe o punhal da mão.

- **Lúcia**

Era uma luta danada
que só mesmo o leitor vendo
Lampião dava e levava
cada bofete tremendo
e a negra desgraçada
ficou com a cara inchada
e a munheca doendo.

- **Marconi**

Lampião pegou a negra
sem ter compaixão nem dó dizendo:

- **João**

Eu não acredito
em feitiço nem catimbó

- **Marconi**

veloz como um furacão
tomou o punhal da mão
da Negra dum Peito Só.

- **Osvaldice**

A negra deu uma dentada
na venta de Lampião
depois um galo cantou
e ela ficou sem ação
na vista dele despiu-se
deu um estouro e sumiu-se
sem deixar sinal no chão.

Todos

Maria Padilha vem tomar xoxô
Maria Padilha vem tomar xoxô xô

Bião e Marconi

Tibiriri vem tomar xoxô
Tibiriri vem tomar xoxô xô

Todos

Maria Padilha vem tomar xoxô
Maria Padilha vem tomar xoxô xô

Carmen

Caveirinha vem tomar xoxô
Caveirinha vem tomar xoxô xô

Todos

Maria Padilha vem tomar xoxô
Maria Padilha vem tomar xoxô xô

João

Arranca toco vem tomar xoxô
Arranca toco vem tomar xoxô xô

Todos

Maria Padilha vem tomar xoxô
Maria Padilha vem tomar xoxô xô

Marcelo

Sete facadas vem tomar xoxô
Sete facadas vem tomar xoxô xô

Todos

Maria Padilha vem tomar xoxô
Maria Padilha vem tomar xoxô xô

Guerrero

Rompe nuvem vem tomar xoxô
Rompe nuvem vem tomar xoxô xô

Todos

Maria Padilha vem tomar xoxô
Maria Padilha vem tomar xoxô xô
Labareda vem tomar xoxô
Labareda vem tomar xoxô xô

Todos

Maria Padilha vem tomar xoxô
Maria Padilha vem tomar xoxô xô

Osvaldice

Pombagira vem tomar xoxô
Pombagira vem tomar xoxô xô

Todos

Maria Padilha vem tomar xoxô
Maria Padilha vem tomar xoxô xô



Lúcia

Lucifer vem tomar xoxô

Lucifer vem tomar xoxô xô

Todos

Maria Padilha vem tomar xoxô

Maria Padilha vem tomar xoxô xô

Sonia

Lebara vem tomar xoxô

Lebara vem tomar xoxô xô

Todos

Maria Padilha vem tomar xoxô

Maria Padilha vem tomar xoxô xô

Daise

Dona da casa vem tomar xoxô

Dona da casa vem tomar xoxô xô

Todos

Maria Padilha vem tomar xoxô

Maria Padilha vem tomar xoxô xô

Étoile

Tranca rua vem tomar xoxô

Tranca rua vem tomar xoxô xô

Todos

Rosedá

Referências

AUGRAS, Monique R. Maria Padilla, reina de la magia. In: **Revista Española de Antropología Americana**, n. 31. Madrid: [s. n.], p. 293-319, 2001.

CARMEN. Direção: Giorgio Crocci. Produção: Wolfgang Werner. Intérpretes: Malgorzata Walewska, Mario Malagnini e outros. Libretto: Henri Meilhac; Ludovic Halévy. Música: Georges Bizet. St. Margarethen: Movieplay Music, c 1998, 1 DVD (80 min), NTSC, widescreen 4X3, color.

CAROSO, Carlos; RODRIGUES, Núbia. Exus no Candomblé de Caboclo. In: PRANDI, Reginaldo (Org.). **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, p. 331-362, 2004.

DÍAZ-MAS, Paloma (Ed.). **Romancero**. Barcelona: Crítica, 2001.

DONIZETTI, musique de. **Maria Padilla**: opéra italien. Paris: Paris, Schonenberger, 18—].

DONIZETTI. **Maria Padilla**: melodrama em 3 actos para se representar no R. T. São Carlos. Edição bilingüe, em italiano e português. Lisboa: Typographia de P. A. Borges [Rua d'Oliveira (ao Carmo) No. 65], 1845.

FERRER, Casilda Ordoñez. María de Padilla, esa dulce y equilibrada castellana. In **Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses** 36, 1975, p. 89.105.

LEITE, José Costa. **O encontro de Lampião com a Negra Dum Peito Só**. [Folheto de cordel]. Condado, PE: [S. L.], [S. N.], [S. D.].

MEYER, Marlyse. **Maria Padilha e toda sua quadrilha**: de amante um rei de Castela a Pomba-Gira de Umbanda. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

MÉRIMÉE, Prosper. **Carmen et treize autres nouvelles**. Paris: Gallimard, 1965.

MOTTA, Roberto. Transe, Possessão e Êxtase nos Cultos Afro-brasileiros do Recife. In: CONSORTE, Josildeth Gomes; COSTA, Márcia Regina da (Org.). **Religião, política, identidade**. São Paulo: EDUC, p. 109-120, 1988.

PIDAL, Ramón Menendez. **Romancero Hispânico**: hispano-portugués, americano y sefardí – teoría e historia. Madrid: Espasa-Calpe, 1968.

ROIG, Mercedes Díaz. **El Romancero viejo**. 23. ed. Madrid: Cátedra, 2007.

ROS, Carlos. **Doña María de Padilla**: el ángel bueno de Pedro el Cruel. Sevilla: Castillejo, 2003.

SANTOS, Percília de Jesus. **Percília de Jesus dos Santos**: entrevista [set. 2008]. Entrevistador: Armindo Bião. Salvador: 2008. MP4 (3 min).

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VILLAESPESA, Francisco. **Doña María de Padilla**: drama histórico en tres actos y en verso. Madrid: Renacimiento, 1913.

Sites consultados

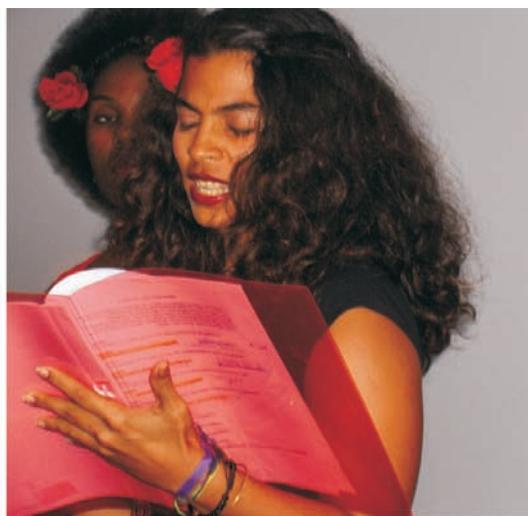
http://commons.wikimedia.org/wiki/File:D%C3%B3nde_vas_Alfonso_XII.png acesso em 7 de janeiro de 2009.

http://www.dailymotion.com/video/x3znop_brassens-la-legende-de-la-nonne-rep_music acesso em 7 de janeiro de 2009.

<http://www.abc-lettres.com/legende-nonne/poeme.html> acesso em 7 de janeiro de 2009.



IMAGENS DA LEITURA DRAMATIZADA DE GIPE-CIT CANTA PADILLA
Cortesia de Isa Trigo e Inès Perez Wilke



1. Carmen Paternostro
2. Osvaldice Conceição e Inès Perez Wilke
3. Marconi Araponga, Marcelo Benigno, Manuel Guerrero e Rafael Rolim
4. Osvaldice Conceição, Inès Perez Wilke e Lúcia Pereira
5. Carmen Paternostro, Osvaldice Conceição e Inès Perez Wilke
6. Sonia Amorim, Daiseane Andrade e Étoile Silva
7. Armindo Bião, João Silas, Marconi Araponga, Marcelo Benigno, Manuel Guerrero, Rafael Rolim, Carmen Paternostro e Osvaldice Conceição